

A LINGUAGEM DO DESENHO E O CONCEITO DE PAISAGEM NO ENSINO DE GEOGRAFIA COM CRIANÇAS ESCOLARES

Fabiana Rodrigues Oliveira Queiroz

disas.fabiana@gmail.com¹

Resumo

Este artigo origina-se de uma pesquisa de mestrado já concluída, no campo da Educação, mas que se desdobrou em pesquisa doutoral (em andamento) situada no campo do Ensino de Geografia. Pretende aqui, apresentar algumas reflexões acerca da infância como viés para por em discussão a condição geográfica da criança e a emergência da linguagem do desenho associado ao conceito de paisagem, como vetores que denotam a relevância da compreensão da infância como tempo de vida singular, a ser considerado nas atividades de ensino da Geografia Escolar, dos anos iniciais. Os aportes teóricos que sustentam as discussões perpassam pelo campo da Infância, da Geografia da Infância e do Ensino de Geografia. Os resultados preliminares têm evidenciado, por um lado, importante contribuição da linguagem do desenho vinculado ao conceito de paisagem para atividades de Ensino de Geografia e, por outro, se revelado como estratégia metodológica de pesquisa com crianças escolares.

Palavras-chave: Geografia da Infância, Anos Iniciais, Geografia Escolar.

Introdução

As reflexões empregadas neste artigo perpassam por elementos que integram parte da constituição teórica de pesquisa doutoral, em andamento, realizada no campo do Ensino de Geografia e voltada para os nos anos iniciais do ensino fundamental.

A referida pesquisa se faz como continuidade de pesquisa em nível de mestrado, realizada diretamente com crianças entre 2013 e 2015 que revelou que as relações criança-adulto se mostravam e ainda se mostram permeadas pela ideia de que a criança é o sujeito cujo presente só ganha sentido como tempo da instrução. Na contramão desta ideia, as crianças com seus modos de ser e de agir, traziam a singularidade da infância como possibilidades para pensarmos outras trajetórias, práticas educativas e modos de conceber e se relacionar com as crianças na contemporaneidade.

¹ Universidade Federal de Goiás. Secretaria Estadual de Educação de Goiás. CAPES.



Além disso, ainda ficou evidente que o ser e estar das crianças no mundo porta uma grandeza geográfica que precisa ser considerada, especialmente nas atividades de ensino e, Ensino de Geografia. Feitas tais constatações, a proposta de pesquisa em nível doutoral tem objetivado levar essas problematizações para o campo do Ensino de Geografia para pensar e analisar as mediações didáticas dos docentes que atuam nos anos iniciais do ensino fundamental além de, levantar uma proposta metodológica para encaminhamento do ensino de Geografia nos anos iniciais.

Como justificativa para tal, tomamos como pressuposto a compreensão de que “[...] se a criança é um sujeito histórico, como vem sendo alardeado nos discursos mais contemporâneos, podemos afirmar que ela também é um sujeito geográfico” (LOPES, 2009,131), pois trata-se de um sujeito possuidor de histórias e geografias.

Assim, e a partir das evidências acerca das demandas infantis para o ensino, emergiu-se a linguagem do desenho infantil, vinculado ao conceito de paisagem, como possibilidade de constituição de estratégia metodológica para o encaminhamento do ensino da Geografia Escolar em anos iniciais de escolarização.

Do ponto de vista metodológico, a investigação se ancora nos pressupostos da pesquisa qualitativa do tipo participante e apresenta o uso de desenhos infantis como valiosa estratégia metodológica de pesquisa e de ensino. O conceito de paisagem, se insere nessa proposta figurando como orientador da atividade de ensino com o desenho.

Nos apoiamos na dialética como método que orienta nossas análises, na vertente crítica como referência para pensar o Ensino de Geografia e nos aportes da teoria histórico cultural de Vigotski e seus colaboradores para orientar nossas reflexões no âmbito pedagógico. Buscamos, ainda, estabelecer diálogos entre os campos da Infância, da Geografia da Infância e do Ensino de Geografia.

A unidade de análise empírica é composta por 2 (duas) escolas da Rede Municipal de Ensino de Goiânia e, tem como sujeitos participantes 2 (duas) professoras pedagogas e as crianças escolares de suas turmas (que possuem entre 09 e 10 anos de idade), e correspondem respectivamente ao 4º (quarto) e 5º (quinto) ano do ensino fundamental I.

Os resultados preliminares dos dados da pesquisa, têm revelado aspectos relevantes acerca da discussão sobre o uso da linguagem do desenho e do conceito de paisagem no Ensino de Geografia dos anos iniciais, entre os quais, elencamos seu potencial tanto como estratégia

metodológica de pesquisa quanto de ensino, pois mobiliza uma linguagem própria das crianças, além de figurar como resultante da imaginação criadora.

Geografia da Infância e a geografia das crianças: um diálogo com o Ensino de Geografia

Postas as considerações iniciais, entendemos como pertinente apontar alguns dos fundamentos teóricos que sustentam nossa pesquisa. E para tanto, tomamos como ponto de partida o debate acerca da Geografia da Infância, cuja identidade figura como espaço de contribuição e diálogo entre a ciência geográfica e os estudos da infância.

Os trabalhos nessa vertente, buscam considerar a relação das crianças com suas espacialidades, sendo estes, estudos ainda recentes e raros no Brasil, mas que já se mostram consolidados em países como Inglaterra e Escócia. Entre os quais a infância pode ser vislumbrada pelo viés geográfico e, também, ser pensada por Geógrafos (LOPES, 2014).

Suas bases epistemológicas situam-se na Geografia Humanista de método fenomenológico. A qual “[...] vê no espaço geográfico, uma importante dimensão para a compreensão das crianças e suas infâncias” (LOPES, 2017a, p. 104). E assume interlocuções com a teoria histórico-cultural de Vigotski e colaboradores, pois contribui para compreensão do espaço geográfico como instância constituinte do desenvolvimento humano.

Pensar a criança ou outras categorias geracionais por um viés particular segundo o arcabouço teórico das ciências, já é uma realidade perceptível em áreas como a Psicologia, Sociologia, História e Antropologia. Nesses campos há considerável produção que apresenta uma maior preocupação acerca da compreensão das crianças e da infância, mas essa tem sido, ainda, uma preocupação pouco visível em outras áreas, sobretudo, na Geografia.

Sobre o assunto, Lopes (2008; 2014) e Costa (2010) destacam que esses sujeitos têm tido sua condição de agentes espaciais negligenciadas pela Geografia, mesmo participando ativamente da construção e constituição do espaço geográfico. É nesse ponto que a pesquisa busca aproximar a geografia das crianças e o ensino de geografia direcionado aos sujeitos alvo do processo de ensino, nos anos iniciais de escolarização.

Sendo que, o esforço de diálogo e aproximação entre Geografia - Infância e Ensino de Geografia se faz, especialmente na pesquisa em questão, pela tentativa de dar maior visibilidade



as crianças como agentes que possuem espacialidades, como participantes dos processos nos quais se inserem escolarmente e, para abrir caminhos para construção de novas formas de ver, planejar, orientar e encaminhar o processo de Ensino de Geografia com crianças.

E isso, primeiramente, porque as imagens erigidas da infância na era moderna a colocam, desde a etimologia da palavra, na condição de *in-fans* (o que não fala) e marca esse tempo de vida pela perspectiva da negatividade cujos atores sociais são contemplados enquanto sujeitos da falta e, portanto, passíveis de ser “preenchidos” de saberes e conhecimentos rumo a uma preparação futura, e contemplados em um eterno vir a ser. Em segundo lugar, por considerarmos que o ser e o estar das crianças no mundo porta uma grandeza geográfica que não pode ser desconsiderada (LOPES, 2008;2009).

Assim, cabe destacar que infância, para nós, figura enquanto conceito socialmente construído, entendido como representação ou lugar que cada grupo social destina para suas crianças. Percebido, ainda, como categoria social ou tempo de vida que tem se modificado, conforme são modificadas as relações e parâmetros socialmente estabelecidos.

Essa perspectiva é compartilhada por autores como Qvortrup (2014) e Corsaro (2011) ao assinalarem a infância, em termos sociológicos, como categoria permanente e um segmento estrutural suscetível a mudanças no tempo e no espaço, pois ao mesmo tempo em que se têm as crianças como membros ou operadores de suas infâncias, elas próprias reconhecem a condição transitória da infância em suas vidas.

Contudo, “[...]para a sociedade a infância é uma forma estrutural permanente ou categoria que nunca desaparece, embora seus membros mudem continuamente a sua natureza e concepção variem historicamente” e espacialmente (CORSARO, 2011, p.15). Isto posto, e a partir dos pressupostos apresentados sobre a infância, cumpre destacar que neste artigo imprimimos o termo **crianças escolares** como forma de nos referirmos as crianças, que vivem suas infâncias, também nos espaços de escolarização formal.

E, tomamos a Geografia da Infância como possibilidade de pensar o ensino da ciência geográfica e seus conteúdos em formato escolar, de modo a potencializar as atividades pedagógicas, a partir da análise sobre a dimensão espacial inerente a vivência dos sujeitos que compõem a escola.

Obviamente, uma aproximação desse pensamento junto a ótica geográfica se mostra na medida em que há a compreensão de que o espaço geográfico se constitui no objeto de estudo

da Geografia, e, se assume o pressuposto de que ele não pode ser reduzido puramente à sua dimensão física ou social, interpretado como palco das ações humanas ou compreendido por visões determinista nas quais dados arranjos espaciais condicionariam o desenvolvimento, mas considerado a partir da composição do par dialético entre sociedade e espaço que em última instância só pode ser considerado enquanto geográfico em função da presença humana, fato que nos remete a ideia da condição geográfica das crianças assim como dos demais sujeitos sociais.

Desse modo, propomos avançar nessa discussão tratando um pouco sobre o ensino de Geografia com crianças escolares, no tópico a seguir e, sob dois vieses: o do Ensino de Geografia que ainda se mostra vigente e a proposição de alternativas possíveis para o encaminhamento pedagógico dos conteúdos escolares da ciência geográfica.

As crianças escolares e o processo de ensino

Abrimos esse tópico de discussão, partindo do pressuposto de que não há não há “[...]educação descolada de um projeto político e de que todo projeto educacional, por ser “político-pedagógico”, porta em si uma proposta de sociedade, um ideário humanístico”, o que segundo Lopes (2014, p.101) embute uma concepção consciente ou inconsciente de infância, cujos interesses destinados às crianças pelas sociedades se revelam no currículo vivenciado no cotidiano das instituições.

Assim, ao admitirmos tais pressupostos, emergem questões que Lopes (2014) aponta como centrais nesse debate, a saber: qual concepção de infância está presente nas práticas pedagógicas? E quais concepções vigoram no projeto curricular e político pedagógico da instituição a que pertencemos? O que desejamos para as crianças? E como as concepções de infância que carregamos interage com o trabalho da Geografia?

Responder a essas questões com vistas a orientação das ações pedagógicas no âmbito escolar ou mesmo da formação docente pode lançar luz sobre as práticas empregadas em sala de aula rumo àquelas consideradas pertinentes ao encaminhamento do Ensino de Geografia com crianças escolares, mas que necessariamente precisa envolver o esforço de professores, coordenadores e de outros agentes envolvidos no processo de ensino e aprendizagem da Geografia Escolar no país.



Acerca desse debate, pesquisas no campo da sociologia da infância, apontam para o fato de que em nossa sociedade vigora a ideia de que as crianças estão sempre na perspectiva de “vir a ser”, denotando a elas uma aura de incapacidade para pensar por si mesmas e como seres da falta.

Já no campo de ensino, e particularmente no Ensino de Geografia, quando essa concepção se transfere para as atividades pedagógicas, normalmente assentadas nos moldes tradicionais de ensino, a concepção de “vir a ser” se mantém e nega a condição das crianças de seres ativos, possuidores de histórias e geografias e, que participam das dinâmicas espaciais em suas distintas escalas, transformando e sendo transformadas, produzindo e sendo por elas produzidas.

E, ao pensar nas atividades pedagógicas do campo do Ensino de Geografia com crianças escolares, se torna essencial considerá-las pela sua presença e não pelo que a elas são atribuídos como falta ou ausências. Reconhecê-las pela ótica de sua presença histórica e geográfica, representa dar a elas visibilidade, explorando dimensões, ainda, pouco privilegiadas na constituição do trabalho docente e da vida em sociedade, como um todo.

Isso, exatamente, porque as crianças são possuidoras de culturas próprias,

[...] e negociam sua existência com as demais categorias presentes na sociedade, buscando negar a condição de categoria submetida – e é isso que possibilita a transgressão/inversão/criação do espaço originalmente concebido e concedido [...] Dessa forma, romper com as visões reducionistas e adultocêntricas que marcaram (e marcam) nosso olhar sobre as crianças e suas interações com o mundo e permitir a emergência de um outro paradigma, um outro olhar sobre elas, faz-se necessário na constituição de novas políticas educativas que têm como proposta de trabalho essa dimensão humana. (LOPES, 2008, p. 77-79).

Assim, percebê-las pelo olhar oposto ao adultocêntrico, significa, no campo do ensino, e do Ensino da Geografia, dar a elas visibilidade enquanto seres ativos e participativos desse processo, ao contrário de percebê-las (consciente ou inconscientemente) como uma tábula rasa ou um papel em branco que precisa ser preenchido com os conhecimentos historicamente sistematizados da ciência.

Desse modo, lançar um olhar sob as vivências espaciais e as demandas apresentadas pelas crianças escolares, para ampliá-las por meio do ensino, se configura como uma

possibilidade para tornar esse processo mais significativo, pois ele denota as formas como as crianças são concebidas, o projeto de mundo que para elas é desejado e sob quais escolhas pedagógicas e intencionalidade são implementados.

Com o propósito de aprofundar o debate acerca das crianças escolares no contexto do ensino de geografia nos anos iniciais do ensino fundamental, apresenta-se, a seguir, algumas reflexões sobre a linguagem do desenho como estratégia metodológica de ensino que emerge como possibilidade de conjunção entre demandas infantis e trabalho docente.

A linguagem do desenho e o conceito de paisagem no ensino da geografia escolar em anos iniciais do ensino fundamental

Reconhecendo a complexidade que é pensar em encaminhamentos significativos ao ensino e a aprendizagem, em geral, e de modo particular, ao processo de ensino e aprendizagem da Geografia Escolar em anos iniciais de escolarização, buscou-se a partir das concepções sobre o lugar ativo das crianças escolares e dos docentes nesse processo, o reconhecimento da linguagem do desenho atrelada ao conceito de paisagem como possibilidade metodológica de ensino que, por sua vez, conjuga aspectos do visível a uma prática bastante usual entre as crianças: o desenhar.

Essa proposta parte do princípio de que, os desenhos e a paisagem podem trazer à tona saberes, práticas espaciais, percepções e atividades infantis a serem constituintes de um trabalho pedagógico que contém, valida e considera as crianças enquanto sujeitos que produzem conhecimento, não lhes negando o direito de participar de forma ativa e participativa das ações em que estão diretamente implicadas.

Além disso, o desenho apresenta ter uma relação histórica com a Geografia “[...] através dos croquis, esboços de paisagem, esquemas gráficos de localizações, distribuições e extensões espaciais feitos em observações de campo ou através da memória” (MIRANDA, 2005, p.3). Se caracteriza por ser uma representação gráfica expressa como forma de comunicação não verbal situada no complexo da cadeia da comunicação humana, ou seja, uma linguagem que se configura a partir da experiência mediada do sujeito, pelos elementos da cultura e a partir de sua relação com o outro, na busca por formas de construção e instauração de sentido na vida

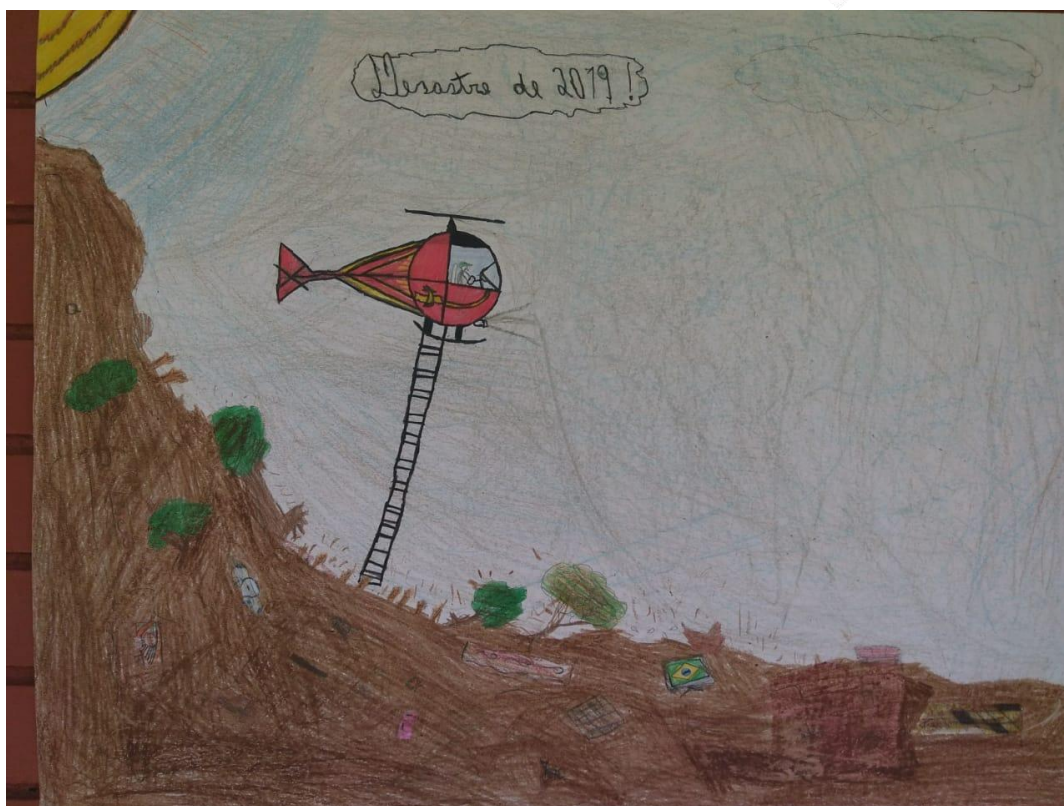


humana como podemos constatar nas contribuições teóricas de Vigotski e Bakhtin acerca da linguagem.

A paisagem, por sua vez, pode ser entendida em Geografia como um dos mediadores conceituais criados para pensar a realidade do espaço geográfico, ao seu lado há outros que de igual importância podem auxiliar na leitura e análise do espaço geográfico. Em nossa pesquisa, a paisagem se constitui como conceito ou expressão do espaço, fundamental para a estruturação das nossas problematizações acerca do uso do desenho, como linguagem e recurso didático para as atividades de ensino da geografia escolar.

Nessa perspectiva, e como parte dos resultados revelados pela pesquisa, observa-se na figura 1, aspectos relevantes acerca da discussão sobre o uso do desenho, entre os quais, elencamos seu potencial como estratégia metodológica especialmente por mobilizar uma linguagem própria das crianças, além de figurar como resultante da imaginação criadora.

Figura 1: Olhar sob Brumadinho



Fonte: Acervo da pesquisadora (trabalho de campo 14/03/2019)

A temática trabalhada durante a aula de Geografia que inspirou a produção do desenho em questão, teve como referência o evento que se abateu sob o município de Brumadinho – MG, em janeiro de 2019.

A partir dos conhecimentos vivenciados, pela frequente exposição midiática dos fatos, em contexto extraescolar, as crianças foram convidadas a representarem seus olhares acerca do ocorrido, de forma mediada pela professora.

Sobre a possibilidade de trabalho com o desenho, Marques (2006) aponta que a utilização dessa estratégia representa elemento impulsionador do pensamento criativo pois possibilita

a organização da experiência do nosso conhecimento. Quando desenhamos somos constantemente confrontados com novas e antigas aprendizagens, com novos e antigos conhecimentos. O desenho possibilita, sem hierarquia, organizar esta informação no sentido de tornar visível o que se conhece ou inventa num determinado momento (MARQUES, 2006, p.64).



Nesse sentido, os detalhes da releitura feita pela criança acerca do evento da Figura 1, envolve vários elementos oriundos da sua participação, apropriação na cultura contextualizada espacial e historicamente (VIGOTSKI, 2009), além de elementos da criação empregados por meio da análise da paisagem de Brumadinho – MG, mesmo que indiretamente.

É evidente, também, o destaque atribuído aos componentes espaciais: relevo, vegetação e solo na representação destacada na figura 1. Essa situação torna-se compreensível a partir da constatação de que “é na paisagem que se fazem visíveis determinadas formas do modelado e alguns dos processos que o constituem” (MORAIS, 2013, p. 57). Fato esse, que permite em aula, aprofundar as problematizações acerca dos elementos físico-naturais do espaço geográfico e, promover a reflexão sobre como as intencionalidades humanas podem alterar a paisagem.

Obviamente o uso do desenho atrelado ao conceito de paisagem, agrega o debate que até aqui temos feito acerca do ensino de geografia com crianças escolares, cujo foco se remete ao fato de que o ser e o estar das crianças no mundo porta uma grandeza geográfica (LOPES, 2008, 2009, 2017) que não pode ser desconsiderada nas atividades pedagógicas, pois podem qualificar e ampliar os conhecimentos das crianças escolares, no processo de ensino da Geografia Escolar em anos iniciais do ensino fundamental.

Considerações finais

A infância como tempo de vida, inclusive das crianças em idade escolar, se colocou nessas linhas, como potência que buscou provocar nossas reflexões acerca da singularidade dessa categoria geracional para, posteriormente, compreender a presença da dimensão geográfica das crianças revelada nas suas formas de ser e agir nos diferentes contextos em que se inserem, sendo o escolar um deles.

Considerar esse debate no interior do Ensino de Geografia nos anos iniciais significa, atribuir relevância ao ensino da ciência geográfica nos anos iniciais de escolarização, além de elevar a responsabilidade atribuída a atividade docente no processo de ensino.

Por um lado, transformando práticas educativas e modos de perceber e relacionar com as crianças e por outro reconhecendo o lugar da Geografia e do seu ensino na constituição emancipatória dos sujeitos alvo do processo de ensino.



Assim, tomar o desenho e a paisagem como elementos integrantes de uma estratégia de ensino com crianças escolares, nos parece ser fundante nas discussões que buscam pensar o ensino da Geografia Escolar nos anos iniciais de escolarização, exatamente, por conjugar elementos próprios a atividade infantil e da ação docente.

Referências bibliográficas

CORSARO, W. A. **Sociologia da Infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

COSTA, Bruno Muniz Figueiredo. **Crianças e suas Geografias**: processos de interação no meio técnico-científico-informacional. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação) Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2010. 175f.

LOPES, J. J. Geografia da Infância: Onde encontramos as crianças? In: **ACTA Geográfica**, Boa Vista, Edição Especial 2017. p.101-118.

_____. Geografia das crianças, Geografia das infâncias: as contribuições da Geografia para os estudos das crianças e suas infâncias. **Contexto & Educação**. E. Unijuí. Ano 23. Nº 79. Jan/Jun.2008, p. 65-82.

_____. As Crianças, suas Infâncias e suas Histórias: mas por onde andam suas geografias? **Educação em Foco**, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 31- 44, set. 2008 /jan.2009

_____. Espaço desacostumado: A Geografia das Crianças e a Geografia na Educação Infantil. In: Revista **Olh@res**, v. 02, p. 301-334, 2014.

MARQUES, J. S. **As imagens do desenho**: percepção espacial e representação. (Trabalho de Síntese) Faculdade de Belas Artes do Porto, 2006.

MIRANDA, S. L. **O lugar do desenho e o desenho do lugar no ensino de geografia: contribuição para uma geografia escolar crítica**. Tese de Doutorado (Doutorado em Geografia), Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2005, 162f.

MORAIS, E. M. B. de. As temáticas físico-naturais como conteúdo de ensino da geografia escolar. In: In: CAVALCANTI, Lana de Souza (org.) **Temas da geografia na escola básica**. 1ª ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2013, p. 13-44.

QVORTRUP, J. Visibilidade das crianças e da infância. **Linhas Críticas**, Brasília, DF, v. 20, n41, p.23-42, jan./abr.2014.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e Criação na infância**. Tradução: Zoia Prestes – São Paulo: Ática, 2009.